

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

Programa de pós-graduação lato sensu da Universidade Estácio de Sá

Rivelle Nunes Carlos

**DA COLIGAY ÀS TORCIDAS QUEER**

**Um estudo sobre a (não) presença do público lgbt no futebol**

Belo Horizonte, 2017

Rivelle Nunes Carlos

## **DA COLIGAY ÀS TORCIDAS QUEER**

**Um estudo sobre a (não) presença do público lgbt no futebol**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação lato sensu da Universidade Estácio de Sá para conclusão do curso de MBA em Jornalismo Esportivo.

Belo Horizonte

2017

## RESUMO

O ambiente do futebol brasileiro é, tradicionalmente, machista. Esse comportamento, presente principalmente nas torcidas, contradiz a fama de esporte mais popular do país, uma vez que desde a chegada no Brasil, o futebol sempre foi uma atividade segmentada, seja para a aristocracia no início da sua prática, ou que discrimina o público LGBT nos tempos atuais. Por meio de artigos acadêmicos, esse estudo aborda os motivos pelos quais a homofobia ainda se faz presente nas arquibancadas dos estádios no país. O ensaio “Da Coligay às Torcidas Queer - Um estudo sobre a (não) presença do público lgbt no futebol” discute os movimentos LGBTs organizados que tentaram no passado alterar o padrão heteronormativo dos estádios brasileiros, o motivo pelo qual a homofobia no futebol se tornou assunto presente na mídia e a crescente força dos movimentos em redes sociais, que abrem espaço por meio de torcidas “Queer”, para uma ampla discussão sobre a discriminação ao público LGBT no chamado esporte do povo. Da mesma forma, apresento exemplos do maior engajamento dos meios de comunicação de massa e de entidades ligadas ao futebol que discutem a discriminação nos estádios. Para a produção desse estudo, utilizo pesquisas científicas, artigos e exemplos veiculados na mídia para discutir o porquê do futebol brasileiro ainda ser homofóbico, enquanto na Europa o esporte é, de forma mais ampla, para todos.

PLAVARAS CHAVES: Futebol, Homofobia, discriminação

## RESUMEN

El ambiente del fútbol en Brasil es tradicionalmente machista. Este comportamiento, presente en las torcidas, contradice la fama de deporte más popular del país, una vez que desde la llegada en Brasil, el fútbol siempre ha sido una actividad segmentada, sea para la aristocracia al inicio de su práctica, o aquél que discrimina al público LGBT en los tiempos actuales. Este estudio aborda los motivos por los cuales la homofobia aún se hace presente en las gradas de los estadios en el país. El ensayo "De la Coligay a las Torcidas Queer - Un estudio sobre la (no) presencia del público lgbt en el fútbol" discute los movimientos LGBT organizados que intentaron en el pasado alterar el patrón heteronormativo de los estadios brasileños, por lo que la homofobia en el fútbol se volvió tema presente en los medios y la creciente fuerza de los movimientos en redes sociales, que abren espacio por medio de torcidas "Queer", para una amplia discusión sobre la discriminación al público LGBT en el llamado deporte del pueblo. De la misma forma, presento ejemplos del mayor compromiso de los medios de comunicación de masas y de entidades vinculadas al fútbol que discuten la discriminación en los estadios. Para la producción de este estudio, utilizo investigaciones científicas, artículos y ejemplos publicados en los medios para discutir el por qué el fútbol brasileño sigue siendo homofóbico, mientras que en Europa el deporte es, de forma más amplia, para todos.

PLABARAS CLAVES: Fútbol, Homofobia, discriminación

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1: O FUTEBOL NO BRASIL: DA ARISTOCRACIA À POPULARIZAÇÃO.....	6
CAPÍTULO 2: A COLIGAY E O PIONEIRISMO GAÚCHO.....	8
CAPÍTULO 3 - O CASO RICHARLYSSON E AS TORCIDAS QUEER.....	11
CAPÍTULO 4 - O POSICIONAMENTO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	16
CAPÍTULO 5 - CLUBES, ENTIDADES ESPORTIVAS E A MUDANÇA NO DIA DO ORGULHO LGBT.....	18
CAPÍTULO 6 - OS EXEMPLOS NO FUTEBOL DO EXTERIOR.....	21
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

## INTRODUÇÃO

Esse estudo pretende apresentar uma percepção da homofobia presente no futebol. Abordo os motivos pelos quais os meios de comunicação e algumas entidades ligadas ao mais popular dos esportes iniciam de forma mais aberta a discussão sobre a participação de grupos LGBTs no hostile ambiente do futebol, seja com manifestações de torcidas que tentam fechar as portas para o preconceito, clubes que abrem espaços para discussão ou outras entidades, como estádios e meios de comunicação, que se apresentam contra o preconceito de gênero.

Se o futebol é uma das mais importantes manifestações democráticas do país desde a primeira metade do século XX, procuro por meio de artigos científicos e exemplos veiculados nos meios de comunicação entender o motivo do público LGBT ter sido por tantos anos alijado das praças esportivas do país. O esporte mais popular do planeta manteve por décadas, e ainda persiste, atributos de um ambiente masculinizado, mesmo com a sociedade demonstrando uma mudança de comportamento, embora tímida, muito mais abrangente que nos estádios. Apenas na década de 1970, quando a abertura política no país auxiliou nas primeiras divulgações de manifestações do público LGBT na sociedade, essa parcela de torcedores começou a ser vista nos estádios. O pioneirismo de torcidas gaúchas, destaca-se a Coligay, é estudado nesse trabalho, assim como o silêncio relacionado à homofobia nas décadas seguintes e os motivos pelos quais novos movimentos contra a LGBTfobia e homofobia no futebol surgiram e ganharam força nos meios de comunicação nos últimos anos.

É certo que todas as manifestações contra a homofobia no futebol brasileiro ainda são tímidas, se comparadas com o preconceito que o público que não se enquadra no padrão heteronormativo da sociedade enfrenta ao longo dos anos. Esse comportamento é diferente do encontrado no futebol europeu e dos Estados Unidos, cujas sociedades e entidades participantes do futebol, abrem espaço para a discussão e lutam abertamente contra esse preconceito.

Procuro compreender, com a produção desse estudo, os motivos pelos quais as discussões sobre LGBTfobia e homofobia no futebol começaram a tomar dimensões maiores, abrangendo as redes sociais e, aos poucos, na chamada grande mídia, em uma manifestação que procura democratizar as arquibancadas dos estádios em todo Brasil.

## CAPÍTULO 1 – O FUTEBOL NO BRASIL: DA ARISTOCRACIA À POPULARIZAÇÃO

Oficialmente, o futebol desembarcou no Brasil em 1894, trazido por Charles Miller, vindo da Grã-Bretanha. Esportista nato, o aristocrata filho de escoceses encontrou em São Paulo a oportunidade de disseminar na elite do país as regras do novo esporte, aprendidas na época em que estudou na Escócia. Segundo as publicações pesquisadas para a produção desse trabalho, pelo seu papel e por introduzir as regras do esporte em São Paulo, Miller é considerado o pai do futebol no Brasil. É importante salientar que Charles Miller foi pioneiro na prática sistematizada do futebol no Brasil na cidade de São Paulo, havendo outras referências pelo país, como é o caso de Oscar Cox no Rio de Janeiro e Victor Serpa em Belo Horizonte, sendo as três referências membros da elite brasileira em fins do século XIX e início do século seguinte. Segundo WISNICK

Implantado e praticado regularmente entre sportsmen nos clubes chics, com status de importação inglesa, assumido como prerrogativa de classe e separado da plebe por uma espécie de cordão sanitário, esse futebol torna-se logo a vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita, e um índice de civilização e progresso, além de um traço de distinção social.(WISNICK, 2008, p.200)

Ainda sobre o início da prática do futebol no Brasil, Mario Filho, jornalista e escritor que se dedicou a escrever livros e artigos sobre futebol entre as décadas de 1920 e 1960, aponta as raízes do futebol no Rio de Janeiro também entre as camadas populares, sendo o Bangu um dos primeiros clubes de operários do país ,

O que distinguia o Bangu do Botafogo, do Fluminense, era o operário. O Bangu, clube de fábrica, botava operários no time em pé de igualdade com os mestres ingleses. O Botafogo e o Fluminense, não, nem brincando, só gente fina. Foi a primeira distinção que se fez, entre clube grande e pequeno, um, o clube dos grandes, o outro, o clube dos pequenos (FILHO, 2003, p. 43)

Poucos anos depois da introdução do futebol no país, dezesseis estados do país já contavam com campeonatos regionais, o que demonstra a progressiva popularização do esporte no Brasil, o que teve impacto direto nos meios de comunicação do país, chegando ao rádio na década de 1930. O pioneiro em transmissões radiofônica de futebol na íntegra no país foi o locutor Nicolau Tuma, em 1932, conforme o site Terceiro Tempo

Foi pela rádio Educadora Paulista que viabilizou a epopeia, ocorrida no dia 19 de julho de 1931 no antigo campo da Floresta, em São Paulo. Naquela dia, a seleção paulista venceu a do Paraná por 6 a 4 pelo Campeonato Brasileiro de Seleções. Como os jogadores não tinham números às costas, Tuma precisou decorar as características dos mesmos antes de a bola rolar. Mas nada atrapalhou sua narração,

que lhe garantiu tempos depois o apelido de "speaker metralhadora", tamanha a rapidez com que contou os lances.<sup>1</sup>

A partir da metade do século XX, para se manter informado sobre o futebol, o torcedor fazia uso do rádio, que já se mostrava como o mais acessível dos meios de comunicação no Brasil. Eram inúmeras as rádios que cobriam futebol no país, sendo as rádios Nacional, Globo e Tupi as mais ouvidas no Rio de Janeiro, a Bandeirantes, a Jovem Pan e a Record em São Paulo e a Rádio Itatiaia em Belo Horizonte.

No final da década de 1950, o país já contava com equipes esportivas que movimentavam multidões nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. Com o crescente interesse pelo futebol pela população brasileira, principalmente após a conquista do primeiro campeonato mundial pela seleção brasileira, em 1958, grandes arenas para a prática esportiva surgiam nessas regiões mais povoadas. A saber: no Rio de Janeiro já havia sido inaugurado no início da década o estádio do Maracanã, em São Paulo existia o Pacaembu desde os anos 1940 e o Morumbi na metade da década de 1950; o Olímpico, o Arruda e a Fonte Nova surgiram para receber as multidões de Porto Alegre, Recife e Salvador, respectivamente.

Em tempos que o futebol se expandia pelo país com o sucesso da seleção brasileira nos campeonatos mundiais conquistados em 1958 e 1962, a população LGBT ainda era marginalizada na sociedade brasileira, não havendo pesquisas sobre esse público no país. Somente após a abertura política, promovida no Brasil em 1979, grupos de homossexuais começaram a se organizar em busca dos seus direitos.

---

<sup>1</sup> Extraído de <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/nicolau-tuma-1693> acessado em 01 de julho 2017

## CAPÍTULO 2: A COLIGAY E O PIONEIRISMO GAÚCHO

Manifestações públicas e organizadas de grupos homossexuais nos estádios brasileiros acontecem no Brasil, inicialmente, no final da década de 1970 e 1980. Segundo o site Medium, na reportagem “*O roupeiro que levou seu time do coração*”, no início da década de 1980 foi criada na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, para incentivar o Internacional, clube da cidade, a Maré Vermelha:

A Maré Vermelha, além do propósito de incentivar o time, foi uma organizada capaz de deixar as partidas do Inter-SM mais alegres, entretidas e sem preconceito nas arquibancadas. Conhecida pelo seu bom humor e fidelidade, o grupo tinha por propósito não vaiar os jogadores e incentivá-los durante os 90 minutos<sup>2</sup>.

Entidade responsável por incentivar o clube da cidade, a torcida criada pelo carnavalesco Marcelino Cabral era também um reduto de proteção para o público homossexual, que segundo ele encontravam refúgio e proteção contra o preconceito na torcida, se sentindo seguros e à vontade para torcer pelo time do coração. Infelizmente, a torcida foi extinta na década de 1990, após o desentendimento do seu fundador com um diretor do clube, porém a organizada ficou marcada como um das primeiras manifestações LGBTs em estádios de futebol no interior país.

O jornalista Eduardo Marini cita em seu blog, na matéria *Gaivotas da Fiel está longe de ser primeira torcida gay. Coligay, Flagay e Raposões vieram bem antes (2013)*<sup>3</sup> que a Flagay, torcida organizada do Flamengo, criada pelo carnavalesco Clovis Bornay em 1979, chegou a contar com mais de 40 mil componentes. Mesmo com esse número expressivo de adeptos, a Flagay foi vítima do preconceito pelas outras torcidas do rubro-negro carioca impedindo que os torcedores LGBTs colocassem suas faixas e adereços nos estádios. O comportamento de parte da torcida do Flamengo com relação á primeira torcida LGBT do clube vai de encontro ao que coloca Anderson (2005, p 14), que aponta que os estádios de futebol permanecem como “uma das maiores instituições segregadoras de gênero das culturas ocidentais”.

No embalo da redemocratização do país e da criação das torcidas LGBTs já apresentadas foi criada, no Rio Grande do Sul, a mais emblemática e conhecida história de grupos LGBTs organizados no hostil e machista mundo do futebol. Em 1977 foi criada, em

---

<sup>2</sup> Extraído de <https://medium.com/puntero-izquierdo/o-homem-que-levou-seu-time-no-cora%C3%A7%C3%A3o-e0441b3f315b>> Acesso em 01 de Julho de 2017

<sup>3</sup> Extraído de <http://esportes.r7.com/blogs/eduardo-marini/2013/10/17/gaivotas-da-fiel-esta-longe-de-ser-primeira-torcida-gay-coligay-flagay-e-raposoes-vieram-bem-antes> , consulta realizada em 19 de julho de 2017.



Porto Alegre, a Coligay, uma das mais conhecidas torcidas LGBTs criada em território nacional, para incentivar o Grêmio de Foot Ball Porto-Alegrense. A obra “Coligay – Tricolor de Todas as Cores”, relata a história da criação da torcida. Entrevistado pelo autor, Léo Gerchmann, o fundador da facção, Wolmar Santos, cita como foi a fundação da ousada e alegre torcida:

Apesar de tanto trabalho à frente da Coliseu, eu sempre tirava um tempinho para ir ver os jogos do meu clube do coração, que é o Grêmio Football Porto-Alegrense. Um dia, em uma das partidas, comecei a notar que as torcidas estavam muito desanimadas, no meu modo de ver, e não apoiavam o time como deviam. Na época, existiam a torcida oficial do Grêmio, a Eurico Lara e a Força Azul. Fiquei com uma ideia na cabeça, de fundar uma torcida mais animada e totalmente diferente das outras. Um dia, após o término do horário de funcionamento da boate, reuni vários gays frequentadores da Coliseu e lancei a ideia, que foi muito bem aceita por todos. Aí veio a escolha do nome da torcida. Pensei em ColiGrêmio, mas não gostei. Foi então que surgiu a proposta de colocar parte do nome da boate com o público que a frequentava, que era gay. Então resolvemos que a nova torcida seria Coli, de Coliseu, e gay, do público que a frequentava. Ficou, então, Coligay, o que foi aceito por todos. (GERCHMANN, 2014, p.36)

A criação da Coligay, em 1977, coincidiu com um início vitorioso do clube de Porto Alegre, que passou os oito anos anteriores sem conseguir conquistar um campeonato gaúcho. A fama de pé-quente da Coligay auxiliou para que aquele grupo então estranho às arquibancadas e aos torcedores fosse aceito nos estádios. A edição do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, do dia 2 de Outubro de 1977, apresenta a primeira aparição na grande mídia de um grupo LGBT organizado em estádios de futebol no Brasil, com a matéria “O grito (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão”. Segundo o artigo, a primeira vez que a Coligay esteve nas arquibancadas foi em uma partida do Grêmio contra a Associação Santa Cruz, em 9 de abril de 1977, e os rebolados e batucada da charanga não chamou a atenção dos demais torcedores presentes ou da imprensa. No entanto, a partir daquela partida, o grupo cresceu e as danças, versos e gritos dos cerca de 20 torcedores, acompanhados da faixa Torcida Organizada Coligay, não se restringiu aos jogos em Porto Alegre. Bastava o Grêmio jogar no interior do Rio Grande do Sul que a torcida se fazia presente.

A presença dos grupos LGBTs nos estádios coincidiu com o início da abertura política no Brasil, no final do regime militar, que trouxe para o país uma maior liberdade no campo das artes, comunicação e também nos costumes do cidadão brasileiro. Segundo Irineu (2014, p.194)

(...) as discussões sobre a subalternização da homossexualidade foram possibilitadas pela redemocratização do país, na década de 1980, e pela importação das discussões realizadas nos Estados Unidos e em alguns países europeus.

Na mesma edição do jornal Zero Hora, do dia 2 de Outubro de 1977, citada anteriormente nesse trabalho, o então colunista Ibsen Pinheiro exaltou a presença da Coligay nas arquibancadas:

Nosso futebol se deu bem com a Coligay. Nossos hábitos civilizados se deram melhor ainda com a civilidade dispensada aos alegres rapazes da mais nova torcida organizada do Grêmio – assim como eles, descontraídos, enriqueceram o ambiente geralmente carrancudo das arquibancadas (PINHEIRO, 1977, p.50)

O *boom* do comparecimento de grupos LGBTs organizados nas arquibancadas dos estádios brasileiros se resumiu ao final da década de 1970 e início dos anos 1980. O arrefecimento da presença dessas minorias nos estádios coincidiu com o aumento da violência em partidas de futebol no país. Maurício Murad, sociólogo e estudioso das torcidas de futebol no Brasil, destaca: “Sempre inquietantes, indubitavelmente, foi a partir de 1985 que as ocorrências violentas no futebol brasileiro tornaram-se explosivas. (MURAD, 2007, p. 22)

As matérias nos veículos de Comunicação na década de 1990, sejam eles impressos ou televisivos, exaltavam as festas que os grupos organizados praticavam nas arquibancadas ao empurrarem as cores que defendiam em cada clássico ou grande decisão nos estádios lotados pelo país. Porém, esses mesmos veículos ignoravam solenemente os cânticos de provocação ao gênero direcionados aos torcedores rivais, vistos como inimigos, que se misturavam com a exaltação ao clube do coração. Bandeira e Seffner (2013, p.247) corroboram com o enunciado acima, ao constatar que:

Os torcedores de futebol que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Os cânticos repetidos, performances executadas, emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios. Dentre os mais variados conteúdos que se ensinam, aprendem e disputam nos estádios de futebol a masculinidade possui preponderância. É importante frisar que a masculinidade vivida nesse contexto cultural específico possui algumas características particulares: ela é machista e homofóbica. Em muitos momentos, essa homofobia é naturalizada e manifestações dessa ordem não são entendidas como violentas.

Os estádios de futebol se tornaram ambientes hostis para os homossexuais. As práticas homofóbicas presentes ainda hoje, sejam elas contra jogadores, árbitros ou torcedores, rivais ou aliados, eram aceitas abertamente.

### CAPÍTULO 3 - O CASO RICHARLYSSON E AS TORCIDAS QUEER

A homofobia no futebol brasileiro foi tratada como assunto velado até meados dos anos 2000. Para os especialistas ou interessados pelo futebol, o tema não merecia destaque ou espaço para que fosse levada aos milhares de adeptos do mais popular dos esportes. O assunto, antes jogado para escanteio nas mesas redondas e matérias esportivas, teve uma reviravolta em 2007. Em entrevista ao programa Debate Bola, da Rede TV, o então diretor da Sociedade Esportiva Palmeiras, José Cyrilo Júnior, insinuou que o atleta Richarlyson, então no São Paulo Futebol Clube, seria gay. Na oportunidade, o diretor foi indagado sobre a possibilidade de haver um jogador homossexual no elenco do Palmeiras disposto a assumir publicamente sua opção sexual. O questionamento do apresentador do programa televisivo ocorreu porque na época surgiu a informação que um jogador de um grande clube paulista estava negociando com a TV Globo uma entrevista para o programa Fantástico, na qual assumiria a homossexualidade. “O Richarlyson quase foi do Palmeiras”<sup>4</sup>, foi o que respondeu Cyrillo. O diretor considerou a declaração um ato falho, porém a polêmica levantou a discussão sobre a homossexualidade no meio do futebol.

Almeida & Soares (2012, p.309) afirmam haver um discurso contra a população LGBT que reverbera nos centros educacionais, na internet, locais públicos e, inclusive, nos poderes Legislativo, Judiciário e Executivo:

[...]fazemos menção à decisão judicial do caso do jogador do São Paulo Futebol Clube Richarlyson Barbosa Felisbino. Ele supostamente homossexual, foi vítima de grave discriminação em programa televisivo de rede nacional. Moveu processo criminal contra o responsável e teve seu pedido negado de pronto pelo Sr. Manoel Maximiano Junqueira Filho, Juiz de Direito titular da nona vara cível da Comarca de São Paulo.

Dentre algumas justificativas do Magistrado para negar o pleito citado por Almeida & Soares, podemos transcrever os seguintes trecho abaixo (AMARAL, 2007, p.1)

Quem se recorda da 'copa do mundo de 1970', quem viu o escrete de ouro jogando (Félix, Carlos Alberto, Brito, Everaldo e Piazza; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Pelé, Tostão e Rivelino), jamais conceberia um ídolo seu homossexual. [...] Quem vivenciou grandes orquestras futebolísticas [...] não poderia sonhar em vivenciar um homossexual jogando futebol. [...] Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelear contra si. [...] Ora, bolas, se a moda pega, logo teremos o 'sistema de cotas', forçando o acesso de tantos por agremiação... [...] O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade do pensamento da equipe, o entrosamento, o

<sup>4</sup> Extraído de <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/caso-richarlysson-pode-ir-parar-nos-tribunais-1.312744> com consulta realizada em 02 de julho de 2017

equilíbrio, o ideal [...]

Com a repercussão do “caso Richarlyson” na mídia, o debate fora ampliado e abriu as portas do futebol para a discussão sobre homofobia, um assunto que já fazia parte da sociedade, principalmente após o aparecimento das políticas públicas para a população LGBT, com a criação pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, em 2004, do Programa Brasil sem Homofobia. No governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva, a população LGBT se organizava e lutava por reconhecimento e equiparação de direitos, porém esses movimentos ocorriam longe dos gramados ou do portão para fora dos estádios brasileiros.

Da mesma forma que a violência nos estádios aumentou na metade dos anos 90 e início dos anos 2000, o fenômeno ocorreu na sociedade, com relação aos homossexuais, sendo crescente a cada ano. Segundo o Grupo Gay da Bahia, o “Relatório 2016 – Assassinatos de LGBT no Brasil”, aponta que 343 LGBTs foram assassinados no Brasil em 2016. Esse número apresenta um crescimento de 263%, se comparados com o início dos anos 2000, quando 130 homicídios foram computados.<sup>5</sup>

Para o antropólogo Luiz Mott, ainda no “Relatório 2016 – Assassinatos de LGBT no Brasil”,

tais números alarmantes são apenas a ponta de um iceberg de violência e sangue, pois não havendo estatísticas governamentais sobre crimes de ódio, tais números são sempre subnotificados já que nosso banco de dados se baseia em notícias publicadas na mídia, internet e informações pessoais.

Se a sociedade brasileira se mostra heteronormativa e intransigente com os homossexuais, certamente os estádios de futebol também assim se apresentariam, caso o público LGBT frequentasse as arenas onde se pratica futebol no Brasil. Sendo assim, podemos concluir que, se na sociedade as agressões e assassinatos de homossexuais são subnotificados, no futebol esses números também são incipientes. Conforme as fontes consultadas, não há estudo que comprove o real número de agressões sofridas pelo público LGBT em estádios de futebol. O único relato público encontrado durante a produção desse ensaio ocorreu no Pará, em 2017, quando membros da Banda Alma Celeste, torcida organizada do Paysandu Sport Club que estendeu uma bandeira LGBT na arquibancada,

---

<sup>5</sup> Extraído de <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>, acessado em 01/08/17

foram agredidos por torcedores vinculados à Terror Bicolor, outra organizada da agremiação paraense.

Em se tratando de Brasil, a LGBTfobia em estádios de futebol ainda é aceita de forma implícita, diferente, por exemplo, dos casos de racismo, que há alguns anos passaram a ser amplamente divulgados pelos meios de comunicação quando esses ocorrem, seja entre atletas ou de torcedores para os jogadores.

O machismo e a homofobia que imperam nos estádios de futebol fazem com que os LGBTs ainda sejam praticamente invisíveis para os órgãos responsáveis pela organização do mais popular dos esportes no país, incluímos nesses organizadores a maioria das agremiações esportivas. No documentário *Jogo Truncado* (Canal Futura, 2016), o pesquisador Flávio de Campos do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS), da Universidade de São Paulo, afirma:

O futebol é uma das maiores trincheiras de práticas homofóbicas existentes na sociedade brasileira. Há nas torcidas uma recusa e uma resistência e um combate quase que fanático contra qualquer manifestação de torcidas homoafetivas. A ação virtual das torcidas é o espaço possível porque seus integrantes são ameaçados

Esse ambiente virtual foi uma importante ferramenta encontrada para que o público LGBT se organizasse e passasse a discutir a homofobia no futebol. As chamadas torcidas *queer* e anti-homofobia foram importantes instrumentos que ampliaram o espaço para o debate. Considerado um ambiente seguro, diferente das arquibancadas e estádios em todo território nacional, esse movimento surgiu em 2013. Segundo Pinto & Almeida (2014, p.111), entende-se por torcida queer: “ações de grupos que elaboram práticas discursivas na contramão do ideal hegemônico, visando uma nova configuração das relações de poder, assim como a desconstrução do padrão normatizador calcado no ideal da masculinidade”.

Na série “Futebol Fora do Armário”, veiculada pela ESPN Brasil, Fernanda Heinzmann, integrante da Queerlorado, torcida do Sport Club Internacional, de Porto Alegre, explica a motivação do surgimento desses coletivos em várias praças do Brasil: “A ideia não é ter uma torcida organizada LGBT. É ter um movimento de torcedores contra a homofobia, contra transfobia, machismo, preconceito e todas as coisas que a gente acha que não cabe nesse contexto e que muitas vezes passam como sendo do esporte”.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Disponível em [http://espn.uol.com.br/noticia/706707\\_joao-palomino-o-futebol-saiu-do-armario](http://espn.uol.com.br/noticia/706707_joao-palomino-o-futebol-saiu-do-armario) Acesso realizado em 08 de agosto de 2017

Segundo Bandeira & Seffner (2013) o primeiro movimento desses grupos de torcedores aconteceu na rede social Facebook, em 2013, por uma torcedora do Clube Atlético Mineiro que criou a fanpage “Galo Queer”. A torcedora, chamada Nathalia, explica em “Jogo Truncado”: “A Galo Queer é mais um movimento que uma torcida, justamente porque os estádios são lugares hostis”. A pioneira torcedora relata no documentário que, ao criar a página, jornalistas e outros torcedores se interessam pelo tema. Era o início da discussão de forma mais ampla, que se iniciou tímida, com poucas matérias em portais da Internet. Ainda para Bandeira & Seffner os meios de comunicação foram motivados pelo assunto polêmico e inovador. Após a criação da Galo Queer, outras torcidas surgiram. No Facebook podemos encontrar também a Queerlorado, já citada anteriormente como de torcedores do Sport Club Internacional, a Bambi Tricolor, do São Paulo Futebol Clube, a Corinthians Livre e a Palmeiras Livre, dos dois clubes mais populares da capital paulista, além da Cruzeiro Livre, do Cruzeiro Esporte Clube; a Coxa sem Homofobia e também Furacão sem Homofobia, do Coritiba Football Clube e Clube Atlético Paranaense, respectivamente. Dessas torcidas, a Corinthians Livre não tem atualizações de postagens desde setembro de 2015 e as relacionadas aos clubes paranaenses estão sem atualização desde 2016, o mesmo ocorre com a Cruzeiro Livre, na qual a última postagem é de outubro/2013<sup>7</sup>.

Embora as páginas dessas torcidas contenham milhares de seguidores e que a grande maioria dos adeptos é público consumidor do produto futebol, o que se conclui é que esses grupos encontram dificuldades, devido à hostilidade, de migrar o movimento das redes sociais para as arquibancadas. Integrantes da Palmeiras Livre, que possui mais de sete mil curtidas no Facebook relatam que sofrem ameaças diárias.

Diego, integrante da Queerlorado cita em ‘Jogo Truncado’ que recebia ameaças virtuais caso comparecesse no estádio Beira-Rio com bandeiras LGBT. Essa era uma forma do torcedor ainda preconceituoso delimitar o espaço, não dando abertura sequer para o diálogo com aqueles os quais consideram diferentes. “Façam o que quiserem, longe do Beira-Rio”, dizia-se. Nathália, da Galo Queer, também exemplifica o nível de intransigência de torcedores do Clube Atlético Mineiro. Quando ela alterou as cores preta e branca do escudo do Atlético, para as cores da bandeira LGBT na imagem que ilustrava a página da torcida no Facebook, houve condenações de torcedores do clube mineiro. “O escudo do meu clube, não.” Essa condenação é interpretada por Souza (1996, p.111): “no futebol brasileiro, as torcidas

---

<sup>7</sup> Consultas à rede social Facebook realizadas em agosto de 2017

das equipes possuem características de nações, sendo frequentemente assim denominadas nas representações populares”.

Atitudes condenáveis e que na sociedade seriam consideradas politicamente incorretas, passam ao largo nos estádios de futebol. Atos homofóbicos no ambiente dos estádios são tratados como parte do jogo, tão naturais como hostilizar o árbitro ou entoar o hino ou cânticos de apoio ao clube do coração, por exemplo. Bandeira & Seffner nos lembram como os frequentadores dos estádios são produzidos, ao longo de diferentes situações.

Os cânticos repetidos, performances executadas, emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios. Dentre os mais variados conteúdos que ensinam, aprendem e disputam nos estádios de futebol, a masculinidade possui preponderância. (2013, p.247)

Em *Jogo Truncado*, a torcedora do Internacional de Porto Alegre, Leca, também integrante da Queerlorado, condena os cânticos homofóbicos das torcidas e, ao mesmo tempo, reclama que não há contestação. Voltamos agora a citar o exemplo da torcida do Paysandu, a Banda Alma Tricolor, que possui ações contra a homofobia nos estádios. Integrantes da torcida aboliram dos cânticos o grito de ‘bicha’ quando o goleiro adversário se preparava para cobrar o tiro de meta. Essa prática homofóbica é cópia do grito de ‘puto’ dos mexicanos. A ofensa foi importada pela maior torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista, a Gaviões da Fiel, ainda em 2012, e ganhou maior notoriedade após a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. A própria Gaviões, em 2016, publicou em sua fan page no Facebook uma nota como tentativa de acabar com os gritos de ‘bicha’ nos jogos do clube. A postagem teve mais de 300 compartilhamentos, mas o grito continua a ser entoado nos jogos em Itaquera.

O pesquisador da Ludens, Flavio de Campos, enfatiza em *Jogo Truncado* que é imprescindível que jornalistas utilizem os meios de Comunicação de maneira crítica para que a cultura homofóbica nos estádios brasileiros comece a ser abolida, semelhante com o que ocorreu com o racismo. Se esse outro mal da sociedade não foi completamente abolido das arquibancadas, os crimes de injúria racial e racismo no futebol são constantemente divulgados pelos órgãos de comunicação.

Alavancado pelas postagens em redes sociais e pelas mídias ditas alternativas, os meios de comunicação de massa começaram, a partir do caso Richarlyson na metade da década, a dar voz para essa minoria presente nos estádios.

## CAPÍTULO 4 - O POSICIONAMENTO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O jornalista João Palomino, vice-presidente de jornalismo e produção dos canais ESPN no Brasil, escreveu no site da emissora um Editorial sobre o tema. Em “O Futebol saiu do armário”:

Não, os jogadores ainda não falam abertamente sobre isso. Não discutem as diferenças nos vestiários. Nem sugerem o início de um papo assim. Mas o assunto está nas ruas, nas arquibancadas, nos canais de televisão, na ESPN. O mais certo até seria acrescentar um ponto de interrogação para o título do texto. Mas não queremos apenas propor uma discussão, propor um debate, queremos debater, queremos discutir as diferenças.<sup>8</sup>

Percebe-se uma mudança de posicionamento da mídia com relação ao tema LGBT e futebol. Jornalistas e programas sobre o esporte hoje debatem o assunto, apresentam pontos de vista e manifestam um senso crítico, seja em matérias ou artigos, diferentemente do que ocorria no início do século. Como exemplo recente, podemos citar a ESPN Brasil, que no período em que foi celebrado o Dia do Orgulho LGBT, em Junho de 2017, exibiu a série “Futebol Fora do Armário”. A série de reportagens, assinada pela jornalista Gabriela Moreira, discutiu abertamente o assunto, concedeu voz a torcedores, jogadores de grandes clubes, profissionais do esporte e a torcedores LGBT. Quatro personagens da série de reportagens, dois no Rio de Janeiro e dois em São Paulo, todos homossexuais, foram enfáticos em afirmar que se sentem incomodados em estádios de futebol, por não terem as características predominantes de torcedores que geralmente frequentam as partidas. Na matéria, Júlio Zerbinati, torcedor do Palmeiras, afirma ser difícil se manifestar em estádios: “aquele estilo grosso, de xingar torcida rival, xingar jogador, de ser uma pessoa mais grossa [...] que eles julgam ser máscula”<sup>9</sup>. A observação do entrevistado encontra respaldo em Bandeira & Seffner (2013, p.254), “Dentro dos estádios, os torcedores utilizam os palavrões como moeda corrente. O palavrão possui diversas funções, podendo ser utilizado para agredir ou para demonstrar afetos. Nos estádios existe ‘uma estética da honra, da alteridade masculina’”.

Podemos concluir que a mudança no comportamento dos meios de Comunicação no Brasil ocorre, quando percebemos que no encerramento de um dos episódios da série “Futebol Fora do Armário”, da ESPN Brasil, torcedores expressam sua orientação sexual e o clube do coração de forma aberta, mostrando, literalmente, a cara para que a sociedade e,

<sup>8</sup> Extraído de ([http://espn.uol.com.br/noticia/706707\\_joao-palomino-o-futebol-saiu-do-armario](http://espn.uol.com.br/noticia/706707_joao-palomino-o-futebol-saiu-do-armario)) acessa em do 29 de julho de 2017.

<sup>9</sup> Disponível em - [http://espn.uol.com.br/noticia/706707\\_joao-palomino-o-futebol-saiu-do-armario](http://espn.uol.com.br/noticia/706707_joao-palomino-o-futebol-saiu-do-armario) . Consulta realizada em 28 de junho de 2017.



principalmente, o mundo do futebol perceba que há vários públicos dentro do esporte e que essa paixão nacional deve ser acompanhada e praticada por toda e qualquer pessoa, independente de orientação sexual.

## CAPÍTULO 5 - CLUBES, ENTIDADES ESPORTIVAS E A MUDANÇA NO DIA DO ORGULHO LGBT

A celebração do Dia Mundial do Orgulho LGBT do ano de 2017 marcou o primeiro passo, no que se refere aos clubes, para a quebra de preconceito contra esse público no futebol brasileiro. De acordo com as fontes consultadas, foi a primeira vez que clubes profissionais de futebol no Brasil se manifestaram, em seus canais oficiais de comunicação, contra a homofobia. O Clube de Regatas do Flamengo postou às 9 horas do dia 28 de junho, em sua rede social Twitter, uma imagem de uma pessoa vestida com a camisa do clube e as frases “O Flamengo tem o Orgulho de Todos os Seus Torcedores – 28 de Junho – Dia do Orgulho LGBT”. Na imagem também estava o escudo do clube e o laço nas cores do arco-íris, manifestação clara de apoio às causas LGBT. Acompanhava o post a afirmação: “Somos Todos! #OrgulhoDeSerRubroNegro. A postagem teve 3.477 compartilhamentos, 7.545 likes e 674 comentários. Em entrevista ao blog da jornalista Gabriela Moreira, o vice-presidente de Comunicação do clube afirmou:

"A repercussão foi bastante positiva. Evidentemente há um ou outro torcedor que ainda nutre preconceito, insatisfeito com algo no clube ou identificado com a oposição que se posicionou contra, mas a reação da grande maioria de torcedores não só rubro-negros, mas como de toda a imprensa e diretoria foram muito positivas.”<sup>10</sup>

O Sport Clube Internacional, de Porto Alegre, também se manifestou no Dia do Orgulho LGBT. Às 12 horas e 23 minutos o clube postou em suas redes sociais Twitter e Facebook uma imagem de torcedores desenhados e coloridos com as cores do arco-íris, com camisas e bandeiras do clube, e a expressão: “Ame quem você quiser e leve o amor pelo Inter no coração. 28 de Junho – Dia do Orgulho LGBT”<sup>11</sup>. A postagem no Twitter teve 1.820 compartilhamentos, 3.170 likes e 182 comentários. Ainda segundo o blog da jornalista Gabriela Moreira, a postagem no Facebook do clube bateu um recorde, com 893 compartilhamentos, quando o máximo anteriormente atingido pelas postagens neste canal de comunicação do clube chegava a 70 compartilhamentos.

O grande rival do Internacional no futebol, o Grêmio de Foot-Ball Portoalegrense, também se engajou, pelas redes sociais Twitter e Facebook, na campanha do Dia do Orgulho

<sup>10</sup> Extraído de [http://espn.uol.com.br/post/707471\\_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas](http://espn.uol.com.br/post/707471_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas)) acessado em 15 de julho 2017

<sup>11</sup> Consulta realizada em 15 de julho de 2017 ao site [https://twitter.com/SCInternacional/status/880084279291650048?ref\\_src=twsrc%5Etfw&ref\\_url=http%3A%2F%2Fespn.uol.com.br%2Fpost%2F707471\\_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas](https://twitter.com/SCInternacional/status/880084279291650048?ref_src=twsrc%5Etfw&ref_url=http%3A%2F%2Fespn.uol.com.br%2Fpost%2F707471_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas)

LGBT às 18 horas e 24 minutos do dia 28 de junho de 2017. Na imagem, uma camisa do clube de costas continha a frase ‘Diversidade nos Fortalece – Grêmio, o clube te todos’. No twitter foram 107 comentários, 1.254 compartilhamentos e 2.376 likes<sup>12</sup>. Novamente segundo o blog da jornalista Gabriela Moreira, o Facebook do clube teve 737 compartilhamentos e 7.900 curtidas.

Outros dois importantes clubes profissionais do futebol brasileiro também se manifestaram contra a homofobia no Dia Mundial do Orgulho LGBT. O Avaí Futebol Clube, de Santa Catarina, postou no Twitter uma foto panorâmica do seu estádio, a Ressacada, na qual era visível um arco-íris. No texto que legendava a imagem o desenho de um leão, mascote do clube, um arco-íris, e a frase: ‘28 de Junho – Dia do Orgulho LGBT – O Avaí é de Todos. TODOS. #PaixãoPraTodaVida’. Foram 393 compartilhamentos, 34 comentários e 999 likes<sup>13</sup>. O Esporte Clube Bahia publicou a imagem de dois corações, um com as cores da bandeira LGBT, outro com as cores azul e vermelha, que se uniam ao escudo do clube, no centro. No alto da imagem, a frase: “Consideramos Justa Toda Forma de Amor. Seja Tricolor. Seja como For. 28 de Junho – Dia do Orgulho LGBT”. A arte era legendada pela frase: “A gente não iria ficar fora dessa, né? #LoveIsLove #BBMP. A postagem, das 21 horas e 13 minutos, teve 119 comentários, 351 compartilhamentos e 920 likes.

Outras entidades ligadas ao futebol também se manifestaram em apoio à luta contra homofobia no Dia do Orgulho LGBT, de 2017. Vale destacar a participação do Estádio Mineirão, em Belo Horizonte, que teve sua fachada iluminada com as cores da bandeira LGBT. Segundo dados fornecidos pela instituição, a postagem no Facebook com a foto do estádio iluminado alcançou 506.230 pessoas e obteve 32.670 cliques na publicação. Foram 407 comentários e 2 mil compartilhamentos. O feedback negativo recebido foi pequeno, com 58 usuários do Facebook ocultando a publicação e apenas uma pessoa deixou de curtir a página após o post. Em se tratando da rede social Twitter, e ainda segundo dados fornecidos pelo estádio Mineirão, foram três postagens relacionadas ao tema. No total, foram 1.998.830 impressões e 13.746 compartilhamentos. De acordo com a ferramenta de monitoramento de mídia contratada pelos responsáveis pela Comunicação do estádio o resultado da ação foi um

---

<sup>12</sup> Disponível em

[https://twitter.com/Gremio/status/880175015106408449/photo/1?ref\\_src=twsrc%5Etfw&ref\\_url=http%3A%2F%2Fespn.uol.com.br%2Fpost%2F707471\\_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas](https://twitter.com/Gremio/status/880175015106408449/photo/1?ref_src=twsrc%5Etfw&ref_url=http%3A%2F%2Fespn.uol.com.br%2Fpost%2F707471_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas)

<sup>13</sup> Extraído de

[https://twitter.com/AvaiFC/status/880141671618445312/photo/1?ref\\_src=twsrc%5Etfw&ref\\_url=http%3A%2F%2Fespn.uol.com.br%2Fpost%2F707471\\_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas](https://twitter.com/AvaiFC/status/880141671618445312/photo/1?ref_src=twsrc%5Etfw&ref_url=http%3A%2F%2Fespn.uol.com.br%2Fpost%2F707471_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas)

sucesso. Do total de 5.103 matérias <sup>14</sup>, 99,5% (5.079) foram qualificadas como positivas, sendo que apenas 0,5% (24) negativas. Do material com o teor favorável, o engajamento foi de 41.559 e um alcance de 59.9 milhões de usuários.

Ainda sobre a ação do Estádio Mineirão no dia do Orgulho LGBT, em 28 de Junho de 2017, o jornal local da Rede Globo Minas, o MGTV 2ª edição, foi encerrado com imagens do estádio iluminado com as cores da bandeira LGBT. A mesma imagem foi destacada em rede nacional de televisão no intervalo da transmissão da partida Flamengo e Santos, pelo narrador Luis Roberto, da Rede Globo.

---

<sup>14</sup> Entende-se como matéria no citado acima todas as postagens em redes sociais de órgãos de Comunicação, portais, mídia impressa e blogs.

## CAPÍTULO 6 - OS EXEMPLOS NO FUTEBOL DO EXTERIOR

As manifestações contra a homofobia no futebol que começam a aparecer de forma mais aberta no futebol brasileiro é realidade há algum tempo fora do país. Ainda em 2017, as seleções masculina e feminina de futebol dos Estados Unidos utilizaram no mês do Orgulho LGBT, em junho, camisas com a numeração dos jogadores estampando as cores do arco-íris. Os jogadores entraram em campo contra a seleção da Venezuela, enquanto as jogadoras utilizaram as camisas em uma partida contra a Suécia.

Em um amistoso disputado dia 6 de junho de 2017, os capitães da Dinamarca e da Alemanha entraram em campo utilizando braçadeiras com as cores do arco-íris, símbolo internacional de apoio às causas LGBT. No dia da realização da partida, a conta da União Dinamarquesa de Futebol postou na rede social Twitter: "Rivals em campo, juntos contra a homofobia".

Na Alemanha, o clube St. Pauli, da cidade de Hamburgo, é conhecido por ser uma agremiação libertária, revolucionária e com grande engajamento nas causas das chamadas minorias. O clube leva o nome de um bairro operário da cidade e o estatuto do clube traz artigos no qual se compromete a ser antinazista, antirracista e anti-homofóbico. Segundo o site Trivela, em uma partida da segunda divisão alemã em 2013, a torcida do clube se manifestou publicamente nas arquibancadas contra a homofobia:

Um dia após a entrevista de Robbie Rogers, jogador americano que se declarou gay e disse ser impossível continuar no futebol depois disso, os torcedores do time da segunda divisão alemã fizeram uma manifestação nas arquibancadas contra homofobia e em apoio ao jogador.<sup>15</sup>

Importante ressaltar que o jogador em questão nunca atuou pelo clube alemão, o que comprova o engajamento da agremiação na discussão contra a homofobia no futebol, independente das cores ou agremiação envolvidas.

O Rayo Vallecano, clube da capital espanhola, é outra agremiação que há algum tempo se manifesta contra a homofobia nos estádios de futebol. Em 2015, o clube lançou um uniforme no qual a tradicional faixa diagonal presente na camisa era formada pelas cores da bandeira LGBT. Segundo o site da revista Trivela, a camisa dialogava com perfil

---

<sup>15</sup> Disponível em <http://trivela.uol.com.br/torcedores-do-st-pauli-fazem-manifestacao-contr-homofobia/> acessado em 01 de agosto 17

revolucionário e anti-sistema de parte da sua torcida.<sup>16</sup> Nos Estados Unidos, o Orlando City, clube que participa da Major League Soccer (MLS), o campeonato profissional de futebol do país, também se manifestou contra a homofobia. O clube homenageou, no início de 2017, as dezenas de vítimas fatais de um atentado homofóbico ocorrido em uma boate gay da cidade em 2016. O clube pintou cerca de 50 cadeiras do seu estádio, o Downtown Stadium, com as cores da bandeira LGBT como forma de homenagear as vítimas do atentado.

---

<sup>16</sup> Disponível em <http://trivela.uol.com.br/rayo-vallecano-tera-a-luta-contra-a-homofobia-e-outras-sete-causas-na-sua-segunda-camisa/>, acessado em 01 de agosto.

## CONCLUSÃO

Se o caminho ainda é longo para enxergarmos a ampla democratização das arquibancadas nos estádios brasileiros, a imprensa esportiva e as entidades esportivas começam a ocupar um espaço nesse debate que a eles pertence, como grande ferramenta para a abertura das discussões. Embora não haja posicionamento formal da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), principal responsável pela organização de competições oficiais de futebol no país, contra as práticas homofóbicas nos estádios, parte dos principais interessados em combater esse preconceito, os clubes, mesmo que de forma tímida, iniciaram em 2017 um posicionamento mais enfático contra o preconceito à população LGBT.

Os clubes, cujo cunho social é de grande relevância para a sociedade, ainda não se manifestam de forma conjunta e maciça na luta que diz respeito ao seu público fiel, os torcedores, porém, entendo ser inevitável, em um curto espaço de tempo, esse posicionamento mais enfático contra a homofobia nas arquibancadas. Da mesma forma como o racismo ou injúria racial passaram a serem atos condenáveis e intoleráveis pelos estádios do país, passível de punição àqueles que praticarem, sejam esses jogadores, agremiações ou torcedores, a homofobia tenderá a ser combatida na medida em que a mídia e os clubes se engajarem maciçamente nessa causa.

Os meios de Comunicação e os clubes começam a perceber que o público consumidor do futebol, sejam esses torcedores, leitores, telespectadores é formado por pessoas de todas as crenças, cores e orientações sexuais. As mudanças são perceptíveis e inevitáveis, se faz necessária a luta ainda mais firme contra a intolerância para que os estádios de futebol sejam, de uma vez por todas, ocupados por todos os públicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Sylvia M. O que dizer quando homofobia parte do Juiz. ConsultorJurídico.2007. Disponível em: [http://www.conjur.com.br/2007-ago-13/dizer\\_quando\\_homofobia\\_parte\\_juiz](http://www.conjur.com.br/2007-ago-13/dizer_quando_homofobia_parte_juiz).

Acessado em 17 de Julho 2017

ANDRADA Bandeira, Gustavo, SEFFNER, Fernando, FUTEBOL, GÊNERO, MASCULINIDADE E HOMOFOBIA: UM JOGO DENTRO DO JOGO - Espaço Plural [en linea] 2013, XIV (Julho-Dezembro) : Acessado em 17 de Julho de 2017 Disponível em:<<http://2011.redalyc.org/articulo.oa?id=445944242012>> ISSN 1518-4196

BAHIA, Grupo Gay – QUEM A HOMOFOBIA MATOU HOJE – Disponível em <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relate3b3rio-2016-ps.pdf> Acessado em 17 de Julho de 2017

BETTINE Almeida, Marco, DA SILVA SOARES, Alessandro, O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. Movimento [en linea] 2012, 18 (Janeiro-Março) : [Acessado em 17 de Julho de 2016] Disponível em:<<http://2011.redalyc.org/articulo.oa?id=115323634015>> ISSN 0104-754X

BONSANTI, Bruno – RAYO VALLECANO TERÁ A LUTA CONTRA A HOMOFOBIA E OUTRAS CAUSAS NA SUA SEGUNDA CAMISA – TRIVELA – Disponível em < <http://trivela.uol.com.br/rayo-vallecano-tera-a-luta-contr-a-homofobia-e-outras-sete-causas-na-sua-segunda-camisa/> > Acessado em 01 de Agosto de 2017

FILHO, Mario – O Negro no Futebol Brasileiro – Rio de Janeiro – Mauad Editora – 4ª edição, capítulo 2

GERCHMANN, Léo – COLIGAY – TRICOLOR E DE TODAS AS CORES – Porto Alegre – Libretos, 2014 – 1ª edição - Capítulo 3

GRANEZ, Guilherme – O ROUPEIRO QUE LEVOU SEU TIME DO CORAÇÃO – MEDIUM – Disponível em < <https://medium.com/puntero-izquierdo/o-homem-que-levou-seu-time-no-cora%C3%A7%C3%A3o-e0441b3f315b>> Acesso em 01 de Julho de 2017

IRINEU, Bruna Andrade. 10 ANOS DO PROGRAMA BRASIL SEM HOMOFOBIA: NOTAS CRÍTICAS. Temporalis, [S.l.], v. 14, n. 28, p. 193-220, nov. 2014. ISSN 2238-1856.



Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/7222>>. Acesso em: 01 de Julho. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.22422/2238-1856.2014v14n28p193-220>

JOGO Truncado. São Paulo: Canal Futura, 2016 13 min: son., color,: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=K7nGvSCBeuU>>

LOBO, Felipe. TORCEDORES DO ST. PAULI SE MANIFESTAM CONTRA HOMOFOBIA. TRIVELA. Disponível em <<http://trivela.uol.com.br/torcedores-do-st-pauli-fazem-manifestacao-contr-homofobia/>> Acesso em 01 de Agosto de 2017

MARINI, Eduardo – GAIVOTAS DA FIEL ESTÁ LONGE DE SER A PRIMEIRA TORCIDA GAY. COLIGAY, FLAGAY E RAPOSÕES VIERAM BEM ANTES – R7 – Disponível em <<http://esportes.r7.com/blogs/eduardo-marini/2013/10/17/gaivotas-da-fiel-esta-longo-de-ser-primeira-torcida-gay-coligay-flagay-e-raposoes-vieram-bem-antes/>> Acesso em 19 de Julho de 2017

MOREIRA, Gabriela. INTER BATEU RECORDE, BAHIA FOI FESTEJADO ATÉ POR RIVAIS: VEJA AS REAÇÕES AO ORGULHO LGBT POR PARTE DAS TORCIDAS. ESPN: 2017 Disponível em <[http://espn.uol.com.br/post/707471\\_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas](http://espn.uol.com.br/post/707471_inter-bateu-recorde-bahia-foi-festejado-ate-por-rivais-veja-as-reacoes-ao-orgulho-lgbt-por-parte-das-torcidas)> Acessado em 15 de Julho de 2017

MURAD, Maurício. A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: PARA ENTENDER. São Paulo. Benvirá, 2007 - 1ª edição - capítulo 1

PALOMINO, João – O FUTEBOL SAIU DO ARMÁRIO – ESPN – Disponível em <[http://espn.uol.com.br/noticia/706707\\_joao-palomino-o-futebol-saiu-do-armario](http://espn.uol.com.br/noticia/706707_joao-palomino-o-futebol-saiu-do-armario)> Acessado em 29 de Julho de 2017

PINHEIRO, Ibsen – (1977, Outubro 2) - “Novos Ares” *Zero Hora* p 50

PINTO, Rodriguez Mauricio; ALMEIDA Bettine Marco, As torcidas Queer em Campo: A emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol, Revista Brasileira de Estudos do Lazer, 2014 (maio-agosto) [Acessado em 17 de Julho de 2017] Disponível em <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/779>>

ROZENBERG, Marcelo NICOLAU TUMA – EX-RADIALISTA – TERCEIRO TEMPO –  
Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/nicolau-tuma-1693>>,  
Acesso em 01 de Julho de 2017

WISNICK, José Miguel – Veneno Remédio – São Paulo- Companhia das Letras – capítulo 3